

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT19.027

LEITURA E NOVAS TECNOLOGIAS: A FORMAÇÃO DE LEITORES EM FOCO

HELLEN JACQUELINE F S D AGUIAR

Mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB. Especialista em Docência com Ênfase em Educação Básica – IFMG. Pós-Graduanda em Literatura e Ensino – IFRN. Graduada em Letras - IFPB. Agradeço pelo auxílio financeiro na forma de bolsa de mestrado à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ) hellenjfs10@gmail.com;

DANILO PABLO DE SALES

Graduando do Curso de Letras do Instituto Federal da Paraíba – IFPB, pdanillo@yahoo.com;

GIRLENE MARQUES FORMIGA

Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Professora do curso de Letras no Instituto Federal da Paraíba, araujo.francilda@gmail.com;

FRANCILDA ARAÚJO INÁCIO

Doutora em Letras e Professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). É docente na Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, gformiga@uol.com.br

RESUMO

O irreversível processo de desenvolvimento, difusão e acesso das mídias digitais nas sociedades, iniciado ainda no século passado, vem transformando, já há algum tempo, além das relações interpessoais e profissionais, mentalidades, meios de produção e toda uma gama de atividades na esfera humana. Em se tratando da Educação não poderia ser diferente, haja vista o grande potencial das novas tecnologias digitais da comunicação e da informação para o avanço dos processos educacionais. Partindo do contexto mais específico da Leitura na escola, o presente estudo propõe-se a refletir sobre possibilidades de utilização de novas tecnologias da informação e comunicação em processos de formação de leitores no Ensino médio. Metodologicamente, adotamos a pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo, tomando como base estudos cujos fundamentos teóricos voltam-se aos temas letramento digital na escola, Leitura/leitura literária, e novas tecnologias digitais e da comunicação como aliadas em processos de formação leitora, a exemplo de Marcuschi (2005), Chartier (2002; 2017), Soares (2022), Rojo (2022), Ribeiro (2012, 2018) e Silva (2004), entre outros. Como resultado, acreditamos estar contribuindo para trazer, ao âmbito acadêmico, discussões importantes

acerca de questões que se relacionam à leitura e utilização de novas tecnologias digitais, as quais se constituem fundamentais para a melhoria do ensino e para a consequente formação de leitores.

Palavras-chave: Escola, Leitura literária, NTDIC's, Formação de leitores.

ABSTRACT

The irreversible process of development, propagation and access of digital media in societies, started in the last century, has been transforming, for some time, in addition to interpersonal and professional relationships, mentalities, means of production and a whole range of activities in the human sphere. When it comes to Education it could not be different, given the great potential of new communication and information digital technologies for the progress of educational processes. Starting from the more specific context of Reading at school, this study aims to reflect on possibilities of using new information and communication technologies in processes of training readers in high school. Methodologically, we adopted qualitative-interpretative research, based on studies whose theoretical foundations focus on the themes of digital literacy at school, literary reading, and new digital and communication technologies as allies in reader training processes, such as by Marcuschi (2005), Chartier (2002; 2017), Soares (2022), Rojo (2022), Ribeiro (2012, 2018) and Silva (2004), among others. As a result, we believe that we are contributing to bring to the academic field, important discussions about issues related to reading and the use of new digital technologies, which are essential to improve teaching and consequently readers training.

Keywords: School, Literary reading, NDICT's, Readers Training. Teaching.

INTRODUÇÃO

Estudos e pesquisas acerca do uso e impacto das novas tecnologias na educação não são necessariamente novos no meio acadêmico, entretanto, o estado emergencial ocasionado pela pandemia mundial de 2020 – COVID 19 – tornou urgente a busca por respostas e caminhos a serem traçados – uma vez que a suspensão do ensino presencial e sua substituição pelo ensino remoto (na maioria dos casos) obrigaram toda a comunidade educacional a fazer um “uso compulsório” e, de certo modo, improvisado, dessas tecnologias; e o que antes era tratado como ferramenta secundária passou a ser primordial, derrubando (ou abalando, pelo menos) qualquer resistência que porventura existisse sobre a tecnologia como ferramenta de ensino. Fala-se inclusive, na possibilidade e necessidade de formatação de um ensino com perfil híbrido, entre presencial e remoto (ou a distância) como novo padrão – o que valida a importância de estudos que supram as lacunas existentes a esse modo de ensinar-aprender.

Em uma escola que dialoga com o que acontece no mundo, não há como ignorar a influência dos dispositivos eletrônicos. A inserção de novas tecnologias em sala de aula não pode ser considerada um fim em si mesma, mas uma ferramenta que possibilita o desenvolvimento de competências. Assim sendo, consideramos ser eficaz, em processos de leitura, em sala de aula, a utilização de aplicativos para *tablets* e *smartphones*, *mobile learning*, plataformas de ensino, entre outras. Mas a criação das tecnologias não é o fator principal para a mudança neste processo educacional. Antes de mais nada:

Faz-se necessária uma apropriação das mesmas, o que significa não apenas adaptá-las a abordagens tradicionais de ensino: utilizá-las como ferramenta para transmitir informações significa subutilizar tais tecnologias. É necessário que estas sejam vistas como ferramentas cognitivas que propiciam trocas, interação, cooperação entre os pares, pesquisa, seleção, avaliação, trabalho em grupo, questionamentos, habilidades necessárias para a sociedade do conhecimento em que se vive hoje (BORBA *et al*, 2005, p.130).

A autora Ana Elisa Ribeiro defende, em sua obra *Novas tecnologias para ler e escrever* (2012), que por tecnologias não devemos entender apenas como equipamentos eletrônicos sofisticados, e de que o avanço tecnológico sempre existiu em maior ou menor escala a transformar os modos de produção e comunicação (p.

19-20). Essa constatação nos conduz à reflexão de que o avanço tecnológico sempre existiu e que mesmo o livro (tal qual o conhecemos) também já foi considerado um artefato “tecnológico” de ruptura nos costumes. Ou seja, as mudanças sempre existiram, a questão para os dias de hoje é em que velocidade elas têm se dado e em que medida de acessibilidade.

Nesse sentido, referenciamos Roger Chartier, ao afirmar que

Deve-se enfatizar, em primeiro lugar, que a revolução digital modificou tudo de uma vez: os suportes da escrita, as técnicas de sua reprodução e disseminação, e as maneiras de ler. Tal simultaneidade é inédita na história da humanidade. A invenção da imprensa não alterou as estruturas fundamentais do livro, composto, tanto antes como depois de Gutenberg, por folhas e páginas reunidos em um mesmo objeto (CHARTIER, 2017, p. 18).

E, como afirma Ribeiro (2012, p.24): “As tecnologias da cultura escrita vão formando uma rede intrincada de possibilidades, que não são isoladas ou necessariamente concorrentes”, o que denota a ideia de que, quanto mais técnicas e ferramentas de escrita disponíveis, melhor para a formação de leitores/escritores, cabendo a cada educador a decisão da técnica que melhor atenda à sua necessidade.

Ainda Chartier insere-se de forma muito oportuna em nossa discussão, quando emite o seguinte posicionamento:

O mundo digital é muito mais que uma nova técnica de composição, transmissão e apropriação da escrita. Certamente, permite a digitalização dos textos já escritos, a produção de textos nascidos como digitais ou práticas de escrituras inéditas, tal com as dos blogs e redes sociais. Porém, impõe também a transformação das categorias mais fundamentais da experiência humana, por exemplo, as noções da amizade multiplicada até o infinito ou da identidade ou intimidade, ocultas ou exibidas, e também a invenção de novas formas de cidadania – ou de controle e de censura (CHARTIER, 2017, p. 19).

Partindo deste contexto, que diz respeito à necessária e relevante inserção das novas tecnologias na escola, o presente trabalho objetiva levantar reflexões acerca de leitura/leitura literária e uso de tecnologias digitais como aliados no processo de formação de leitores. Buscaremos traçar um panorama de estudos acerca do tema, bem como relacionar o uso dessas tecnologias a práticas de leitura literária e realizar, em parte, uma defesa dessa necessária associação à luz de questões

como o uso de novas tecnologias em sala de aula, o ensino de leitura literária por meio dessas tecnologias e, por conseguinte, o (novo) papel do professor enquanto principal agente de produção de ambientes de aprendizado permeados pelo uso de tecnologias. Vale, nessa discussão, observar que as tecnologias têm estado cada vez mais presente na escola, o que, naturalmente, a leva a buscar formas para adaptar as práticas pedagógicas que se alinhem a essa realidade, visando a atender demandas que propiciem melhor aproveitamento dos estudantes. Rojo (2017, p.12) pontua que a relação entre TDIC e currículo e pedagogia escolar é diversa, mas é necessária a formação do professor para lidar com este processo.

2. ESCOLA, LEITURA LITERÁRIA E NOVAS TECNOLOGIAS

O novo profissional da educação integrará melhor as tecnologias com afetividade, o humanismo e a ética. Será um professor mais criativo, experimentador, orientador de processos de aprendizagem presencial e a distância. Será um profissional menos falante, menos informador e mais gestor de atividades de pesquisa, experimentação e projetos. Será um professor que desenvolve situações instigantes, desafios, soluções de problemas e jogos, combinando a flexibilidade dos espaços e tempos individuais com os colaborativos grupais. Quanto mais avança a tecnologia, mais se torna importante termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos (MORAN, 2005, p. 12).

Não é novidade que as novas tecnologias digitais da comunicação e da informação nos trazem cada vez mais possibilidades avançadas em ferramentas e técnicas de leitura e escrita, para citar o básico. À evolução dessas tecnologias, as quais, temos também um difuso acesso atualmente, chamamos Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – NTDICs.

A escola precisa reconhecer que as NTDICs vêm, cada vez mais, ocupando relevância no contexto educacional, por ampliarem as possibilidades de trabalho em sala de aula. Nesse sentido, Aun e Angelo (2007) pontuam que as Tecnologias da Informação e Comunicação favorecem a aprendizagem, por meio da inclusão digital, o uso das linguagens em práticas sociais contextualizadas, além de atuarem contra uma divisão social entre os que possuem a informação e os que estão excluídos desse processo.

Sobre a importância do trabalho das competências educacionais e tecnológicas Lucília Machado (2015, p.16), em texto a respeito da formação de professores, diz:

é próprio do ensinar-aprender tecnologia tratar da intervenção humana na reorganização do mundo físico e social e das contradições inerentes a estes processos, exigindo discutir questões relacionadas às necessidades sociais e às alternativas tecnológicas.

Inserindo o conceito de letramento digital nessa discussão, recorreremos a Marcuschi e Xavier (2005), ao afirmarem que, a partir dessa expansão da leitura para o meio digital, surge uma nova modalidade de letramento, conhecida como **letramento digital**, fenômeno que ocorre a partir da apreensão de habilidades que se desenvolvem com o uso do computador, recurso que se tornou tão fundamental, à medida que o contexto passou a ser realidade em uma nova era: a era digital.

O espaço desse tipo de letramento e os recursos que ele utiliza têm desempenhado um papel muito importante na escola e têm mudado a perspectiva do processo de ensino/aprendizagem, daí porque o letramento digital precisa ser considerado dentro de um contexto de reflexão sobre o trabalho pedagógico e sobre os objetivos pretendidos quando da inserção desses novos recursos (LIMA, 2009).

Para Marcuschi e Xavier (2005), para se dizer que uma pessoa possui a habilidade de “letrada digitalmente”, ela precisa atender alguns pontos, tais como:

- Dentro do ambiente digital, conseguir lidar com hipertextos, interatividade, quantidade grande de informações, linguagens diversas e uma prática intertextual ampla;
- Ter habilidade para lidar com os gêneros que se apresentam a partir das muitas novidades tecnológicas que se apresentam a todo instante;
- Perceber a melhor maneira de utilizar o sistema de navegação;
- Participar ativamente na pesquisa com uma leitura que proporcione a seleção dos dados, com a finalidade construir um conceito ou julgamento particular.

Por oportuno, incluamos, mais uma vez, Chartier em nossa exposição, observando essa posição acerca da inserção da tecnologia no espaço da leitura:

Ainda não sabemos, contudo, muito bem como essa nova modalidade de leitura transforma a relação dos leitores com o escrito. Sabemos que a leitura do rolo da Antiguidade era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade (CHARTIER, 2002, p. 30).

E acrescenta ainda sobre a leitura digital e hipertexto:

O hipertexto e a hiperleitura que ele permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não-linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado. Nesse mundo textual sem fronteiras, a noção essencial torna-se a do elo pensado como a operação que relaciona as unidades textuais recortadas para a leitura (CHARTIER, 2002, p. 108-109).

Abordando práticas de leitura e de escrita na era do hipertexto, Silva (2004) observa que a necessidade de se apropriar da leitura e da escrita como práticas sociais passa a exigir “novos processos cognitivos, novas maneiras de ler e escrever, enfim, um novo tipo de letramento” (p.1112).

No livro *Novas tecnologias para ler e escrever* – algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula, Ribeiro (2012), defende a ideia de que as relações entre autor/leitor sofrem alterações à medida que as mídias evoluem e ganham mesmo contornos de colaboração. Sobre a resistência ao novo, dentro do hábito da leitura, Ribeiro afirma que na evolução, do códex ao livro, de páginas empilhadas e numeradas, deve ter existido aquele leitor resistente, que “pusse defeito” na nova ferramenta (p. 22), o que ocorre também em nossos dias. Acerca de questões relativas à formação de leitores habilidosos e como as tecnologias podem ajudar nisso, Ribeiro aponta que sua investigação de sobre tal problemática se pautou em conceitos como “letramento, letramento digital e hipertexto” para guiá-la na investigação de “como agem leitores táticos e leitores estrategistas na lida com objetos de ler” (p.30-31).

Nessa discussão, ainda Ribeiro aponta a internet e os meios digitais como as mais recentes ferramentas de letramento às quais estamos submetidos; a autora afirma que “não há limites para o letramento”, uma vez que sempre haverá novas formas de leitura e escrita a despontar a partir da criatividade humana (p. 38). Ela

lembra a importância dos educadores na missão de interagir com conceitos como “letramento, agência de letramento, práticas de leitura e sistema de mídias e a ação efetiva que deve ser desencadeada pelos agentes da educação nessa direção” (p. 44).

Ribeiro (2005) lembra ainda que, mesmo quando a escola assimila a tecnologia, essa possibilidade não assegura um ensino de qualidade, sendo preciso antes estabelecer uma relação dialógica baseada na reflexão crítica, sem a qual o uso indiscriminado e aleatório da tecnologia não modifica práticas “antigas” ou ultrapassadas.

Sendo assim, é sempre bom estarmos atentos à responsabilidade do professor no processo: ele precisa vivenciar este ambiente educacional, ter contato direto com os suportes digitais e suas aplicações voltadas ao processo ensino/aprendizagem. E isto requer, sempre, formação contínua, com vistas à atualização dos conhecimentos a serem demandados, sobretudo se considerarmos ser pertinente pensar na inserção das TDICs como uma “ruptura de barreiras técnicas e culturais”, ou seja, é preciso aprender a lidar com elas para entender a “cultura virtual”, ainda que essa ruptura não resolva os problemas da educação e nem assegure que a aula seja de qualidade, mas não é possível mais não incluí-las (LIMA, 2009).

Ao tratar mais especificamente de leitura (já que suas discussões sobre letramento incluem também aspectos da escrita), Ribeiro, (2012) explana as implicações da “trindade” autor/texto/leitor, referenciada por Daniel Pennac, e relata abordagens nas quais ora o foco está no autor, ora no leitor - e mesmo no texto -, para concluir, no entanto, que “nenhum dos três rege sozinho a leitura: os três o fazem, ao mesmo tempo” (p. 59).

No capítulo “Aulas de leitura e produção de textos”, Ribeiro lança mão de conceitos como retextualização, multimodalidade e hipertexto, para refletir sobre a função das novas tecnologias no ensino da língua materna e como os educadores podem utilizar-se de ferramentas de edição digital – na qual o escritor/leitor pode fazer uso de vários processos que resultem num trabalho escrito – de modo que o aprendizado vá além da simples leitura em uma ferramenta diversa da analógica (p. 65 – 70).

Por fim, a autora defende a necessidade de letramentos “sobrepostos ou interpolados” para que se desenvolvam nos leitores capacidades necessárias às diversas interações disponíveis: “Caso as agências de letramento, especialmente a escola, compreendam a permeabilidade relativa entre textos e dispositivos de ler,

poderemos contar com leitores hábeis e aptos a qualquer experiência de leitura” (p. 119).

Considerando o fato de que passamos por uma fase de profundas transformações tecnológicas que afetam diretamente as formas de letramento, a despeito de toda a revolução imposta pela tecnologia, Vieira (2007) assim analisa esse processo no contexto escolar:

A escola, contudo, ainda não se apropriou plenamente dessas inovações, seja no uso da tecnologia para ler/escrever em suporte eletrônico, seja no conhecimento do perfil deste novo leitor. Muito menos, há um consenso escolar sobre o modo de conceber a leitura em meio virtual, ou de pensar, os aspectos instrucionais envolvidos em seu ensino. Com a tecnologia eletrônica e a comunicação visual, leitores e autores acumulam novos papéis, agindo intuitivamente, sem contarem ainda, com boas informações que possam ajudar a enfrentar os problemas e desafios desses novos modos de ler/escrever e construir sentidos. Por sua parte, a maioria dos professores não foram formados para lidar com tecnologias de informação e comunicação no ensino. Tudo é tão recente, quanto urgente (p. 244).

A sociedade contemporânea utiliza-se da comunicação tecnológica o tempo inteiro e esse novo tempo requer a formação de professores com habilidades que os permitam atuar de forma a assegurar um bom desempenho e, não só ele, mas um processo de comunicação em que a aprendizagem seja o foco.

Nesse sentido, Carvalho e Domingo apontam que

descobertas tecnológicas, com todas as novas abordagens que decorrem de seu amplo uso, podem promover, para além da inclusão do sujeito na esfera do mundo informatizado, uma nova concepção acerca do processo de ensino-aprendizagem que pode fazer uso dessas tecnologias para garantir o desenvolvimento global desse homem que está definitivamente inserido no mundo moderno (2012, p. 77).

Diante do exposto, após levantamento de alguns conceitos e ideias ligados ao Letramento digital e Leitura, e considerando o papel da escola nesse relevante processo, direcionamos, a seguir, nosso olhar mais objetivo a questões voltadas à leitura literária e as NTDIC's como aliadas em prol de processos de formação de leitores

2.1 LEITURA LITERÁRIA E NOVAS TECNOLOGIAS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) homologada pelo Ministério da Educação em 2017, reconhece o importante papel das tecnologias digitais, tomando-as como essenciais no cenário educacional da atualidade. Muitos especialistas em Educação reconhecem que a BNCC deu especial destaque às tecnologias digitais, priorizando a inclusão de uma competência geral que aponta para o domínio desse universo, aparecendo “transversalizada” em habilidades de todos os componentes curriculares.

O documento apresenta orientações quanto ao uso de tecnologias, a partir da consideração de que estas se constituem importantes aliadas para o processo de aprendizagem. Nele, a tecnologia detém papel primordial, de forma que um dos seus fundamentos constitutivos é a cultura digital e sua inserção no processo de ensino e aprendizagem. As duas competências gerais, a quarta e a quinta, relacionadas ao uso da tecnologia, encontram-se assim descritas, respectivamente:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2018, p. 09).

Como se vê, a tecnologia é referenciada no bojo das linguagens digitais, representando uma forma de linguagem no processo comunicacional. Fica evidente que, além da necessidade de domínio dos processos de leitura e escrita, outros modos de expressão e plataformas devem ter seus espaços assegurados neste novo fundamento curricular. **Sem banir métodos tradicionais e consagrados, propõe-se a aproximação entre tais métodos e a tecnologia, com vistas ao melhoramento da aprendizagem.**

Logo em seguida, na Competência cinco, temos:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 09).

De forma clara, o documento expressa a sua preocupação em imprimir **mais ênfase à relação Tecnologia-Educação no processo de aprendizagem**. Em ambas as competências, de um modo geral, a tecnologia tem a participação fundamental para o desenvolvimento de competências essenciais. Em Linguagens, especificamente, a tecnologia pode auxiliar os processos de leitura, mesmo com todos os desafios na implementação da tecnologia em conformidade com as competências estabelecidas na BNCC, sobretudo se considerarmos o fato de que grande parte dos professores ainda carece de conhecimentos sólidos sobre computadores e outros recursos tecnológicos.

Percebe-se, além disso, na BNCC, a explicitação do digital como uma prática social, considerando-se a produção de textos em várias mídias, a partir de uma das competências específicas, assim descrita:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2018, p. 65).

Seguindo esta linha, observa-se a referência a práticas sociais relacionadas a textos multissemióticos e multimidiáticos, com orientação no sentido de “produzir e publicar fotos, vídeos diversos, *podcasts*, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais”, (BNCC, p. 66), dada a necessidade de inserção de práticas digitais na escola haja vista o contexto em que a tecnologia se impõe de forma tão pujante.

Como vemos, a Base curricular dispensa, como bem perceberam muitos especialistas, muita consideração ao uso de novas tecnologias nos processos de formação dos estudantes brasileiros. Isso vem ao encontro do vimos discutindo no presente artigo, que, a partir de agora, avançará para reflexões acerca da relação entre Leitura literária e NTDIC’s.

Silva (2004) aponta os avanços nas práticas de leitura e escrita propiciados pelas novas tecnologias e suas implicações nas relações estabelecidas entre autor, texto e leitor. Segundo a pesquisadora, “nesse contexto, marcado pela interatividade e pelo dinamismo dos recursos da era multimídia, a leitura literária busca encontrar caminhos, a fim de se adaptar às rápidas transformações ocasionadas pela revolução tecnológica” (p.1111). Assim, ela atribui à escola a responsabilidade do trabalho

com “textos com novas texturas e que produzem efeitos diferentes na relação com os leitores” (p.1113). A pesquisadora ainda pontua que

Nessas circunstâncias em que a troca de experiências narrativas está definindo diante, por exemplo, de formas atrativas de comunicação como os bate-papos virtuais, os e-mails e tantas outras, parece-nos que o aluno dedica-se cada vez menos à leitura literária, sem que a escola consiga atraí-lo para que desenvolva de forma qualitativa e também quantitativa o ato da leitura (p. 1117).

No que diz respeito especificamente à leitura literária, esse universo da cibercultura exige, por sua vez, uma mudança paradigmática, que reivindica um lugar de destaque ao hipertexto, segundo a pesquisadora. Considerando o surgimento de novos e diversos suportes eletrônicos, bem como dos novos gêneros textuais a partir da internet, a leitura tende a rumar por novos mares, implicando uma revolução também na vida dos leitores, que precisam estar atentos a novas e distintas possibilidades trazidas pelo mundo digital, leitores que saibam articular bem não apenas as diferentes linguagens “na composição do texto eletrônico, mas ainda que tenham apreensão das redes de conexões intra e intertextuais que se sobrepõem na tessitura do hipertexto.” (p.1113). Diante disto, é sempre oportuno lembrar ser preciso reavaliar o papel da literatura/leitura literária na escola.

Qual seria, então, esse papel é a pergunta que intitula um dos tópicos do artigo de Silva (2004), que recorre, inicialmente, a Lévy (1999) para se referir aos três princípios de crescimento do hiperespaço: “a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva.” e também o dialogismo, referenciado como aspecto relevante no contexto da cibercultura, a partir da rede de relações intra e intertextuais. (p.1111), através das quais é construído o hipertexto, que pode se constituir um meio eficaz para o trabalho com estudantes na construção de uma “rede de textos em processo de absorção e transformação de um texto por outro, investigando-se os vários níveis de intertextualidade” (p. 1116).

Silva recorre a Cornis-Pope (2002, p. 3) para pontuar um modo de ler multi-sequencial decorrente das tecnologias eletrônicas, caracterizado por uma liberdade maior para pôr à prova as habilidades interpretativas e a capacidade dos leitores de examinar, construir e reconstruir suas leituras diante do texto literário virtual (p. 1114). O leitor precisa se adaptar a um navegador, que lhe impele a percorrer caminhos diferentes; tem, de fato, diante dele um desafio a ser dividido com a escola, que deve atentar para garantir o lugar da literatura nesse desafiante universo

cibernético, dada a sua capacidade de contribuir para a compreensão crítica do mundo, haja vista o fato de a obra literária ser capaz de construir, por meio da ficção, um diálogo com a realidade. Implicada com processos sociais, históricos e culturais, a literatura não deve abdicar de seu fundamental papel nesse cenário que se descortina diante de nós, assumindo a interação com os modernos meios de comunicação, marcando seu espaço como essencial objeto artístico em nossa sociedade, eximindo-se, pois, de correr o risco de confinamento.

Para Spritzer e Bittencourt (2009, p. 158), as NTIDC's são instrumentos essenciais na ampliação nas maneiras de trabalhar em sala de aula, uma vez que possibilitam várias maneiras de "ler ou recriar o texto literário". Desse modo, os recursos tecnológicos, para os autores, a "incorporação da tecnologia não deveria estar focalizada na resolução da motivação, mas na necessidade de repensar estratégias de ensino e estratégias de aprendizagem" (2009, p. 159).

Por fim, abordando a articulação entre educação, leitura literária e novas TICs, Saraiva, Alles e Mugge (2017) reafirmam a necessidade de pensar estratégias de utilização das tecnologias disponíveis nas diversas áreas do conhecimento, entre as quais, a literatura. Obviamente, nesse contexto de vasta oferta de informação e de tantos instrumentos tecnológicos disponíveis, o professor é imediatamente referenciado no sentido de que precisa utilizar-se de estratégias inovadoras capazes de, a partir do uso de tais tecnologias, promover a aproximação leitor-texto, apropriando-se desses recursos e buscando mediar esse processo (p.132), o que requer dele uma formação continuada e atualizada do professor que o capacite de modo a facilitar a sua missão de inserir a escola no contexto contemporâneo das novas TICs, além de outras formas de se pensar pedagogicamente todo o processo, haja vista o fato de que ele exige redirecionamentos e ações que precisam se fundir àquilo que já se constitui prática cotidiana de sala de aula. Fundamental também se faz que o professor conheça seu estudante e o uso que ele faz dessas novas tecnologias, como forma até de se manter atualizado diante dos avanços tecnológicos.

Essa realidade, que envolve ensino de literatura/leitura literária e inclusão das NTIDC,s, requer ainda flexibilidade do professor para lidar com as inovações – tecnológicas e pedagógicas, diante de um cenário múltiplo e diverso oferecido por esse universo dos meios tecnológicos, que oferece muitas possibilidades ao professor, a quem cabe selecionar recursos/atividades mais adequados ao perfil de seus estudantes e suas peculiaridades. Algumas atividades, nessa linha, podem ser apontadas como possibilidades de abordagem em sala de aula, tais como a

criação de uma página específica da turma na internet, blog, *e-mail* e fórum para discussões e compartilhamento de materiais afetos à literatura, blog literário, clube de leitura online, elaboração e exibição de vídeos, produção de *podcasts*, varal literário, entre outros.

Finalmente, por oportuno, em meio a tantas reflexões sobre o papel da escola/professor nesse contexto inovador, que requer remodelações no jeito de agir diante de situações desafiadoras, recorreremos a Moran (2000), ao enfatizar a necessidade de contarmos com profissionais da educação criativos e curiosos, que buscam transformar os espaços de aula com práticas inovadoras. Vejamos o que diz o pesquisador a esse propósito:

Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender (MORAN, 2000, p.144).

Sob esse aspecto, Segabinazi e Barbosa (2015) acrescentam que devemos chamar a atenção para:

A presença e o impacto dos meios de comunicação e a crescente implantação das novas tecnologias no ensino de literatura. Tal fato é tão relevante que temos o deslocamento da literatura enquanto disciplina escolar para a composição da área linguagens, códigos e suas tecnologias, ao lado da língua portuguesa, línguas estrangeiras, educação física e arte. Esse dado é muito importante se associado aos modos de vida da nossa juventude e dos nossos adolescentes, isto é, do público que chega ao ensino médio hoje (p. 45).

METODOLOGIA

Metodologicamente, adotamos a pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo, tomando como base estudos cujos fundamentos teóricos voltam-se aos temas letramento digital na escola, Leitura/leitura literária, e novas tecnologias digitais e da comunicação como aliadas em processos de formação leitora, a exemplo de Marcuschi (2005), Rojo (2022), Ribeiro (2012, 2018) e Silva (2004), entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, acreditamos estar contribuindo para trazer, ao âmbito acadêmico, discussões importantes acerca de questões que se relacionam à leitura e utilização de novas tecnologias digitais, as quais se constituem fundamentais para a melhoria do ensino e para a conseqüente formação de leitores. Além disto, este artigo traz à baila algumas reflexões acerca da necessidade de estratégias para o trabalho com a leitura/leitura literária, em consonância com as novas tecnologias, as quais servirão como um instrumento de apoio ao fazer pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as grandes transformações por que passa a relação Tecnologia/Educação, faz-se urgente a necessidade de adaptar as novas formas de adquirir conhecimento com o universo tecnológico em que estamos inseridos. Não é novidade o fato de que as novas tecnologias de informação e comunicação são relevantes ferramentas para a ampliação das possibilidades de abordagem de processos de leitura na escola. Nesse contexto, os educadores estão, cada vez mais, procurando meios de se adaptar às novas realidades.

É possível perceber que a pandemia possibilitou espaços para práticas leitoras por meio do acesso às tecnologias, sendo elas mecanismos preponderantes de mediação neste processo. Além disso, muitas formas de promoção da leitura puderam acontecer, seja pelos esforços de muitas entidades e pessoas envolvidas com ela (leitura), seja porque as tecnologias permitiram essa ampliação de espaços. Não podemos negar que as tecnologias ganharam novos contornos ao assumirem a centralidade de muitas interações, sobretudo nos espaços educacionais, abrindo o leque de opções e de correspondências de seus usos.

O mais importante, ressaltamos, é entender que as tecnologias digitais precisam fazer parte do ensino como parte integrante de uma cultura digital que contemple, além de aparelhos/equipamentos e funções, meios para um **desenvolvimento mais ativo e relevante de criação e comunicação na sociedade atual**. De modo complementar, neste contexto, faz-se necessário ainda que as instituições invistam em treinamentos constantes para capacitar o corpo docente e, no desenvolvimento de metodologias que propiciem a oferta de conhecimento necessário

que possibilite aos estudantes o bom uso de recursos tecnológicos para fazer a diferença na vida das pessoas.

Por fim, esperamos ter contribuído, mesmo que modestamente, para as discussões acerca da abordagem de Leitura neste novo contexto, vislumbrando as NTIDC's como forte aliada em processos de formação de leitores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BORBA M, Moraes M, Silveira M. Recursos tecnológicos na ação docente. **Educação Superior: vivências e visão de futuro**. Porto Alegre: Edi PUCRS, 2005.

CARVALHO, Aldenora Márcia C. Pinheiro; DOMINGO, Reinaldo Portal. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino de Literatura: uma perspectiva pós-moderna. **Revista Letras Raras** (UAL/UFCG), v. 1, nº 1, 2012.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

LIMA, Francis Chagas. **Formando leitores na era digital**: reflexões sobre a abordagem da leitura no ensino de E/LE através do mundo virtual / Francis Chagas Lima. – 2009. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A C. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido (orgs.). - 2.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital; aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever**. Belo Horizonte: Editora RHJ, 2012.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 8-22, jul. 2015. ISSN 2447-1801. Disponível em:

<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2862/1003>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias.** Informática na educação: teoria e prática. Porto Alegre, v. 3, nº 1, 2000.

MORAN, José Manuel. As múltiplas formas de aprender. **Revista Atividades & Experiências.** Julho, 2005. Disponível em <http://www.educacional.com.br/revista/0305/pdf/entrevista.pdf>. Acesso em 18 Nov. 2020.

ROJO, Roxane H. R. Entre plataformas, ODAs e protótipos: novos multiletramentos em tempos de WEB2. *The ESPECIALIST*, Campinas: PIPEq. v. 38, n. 1. jan/jul. 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/32219>> Acesso em: 16/03/2022

SANTOS, Zenildo; SILVA, Maria Vitória da. O ensino de Literatura num espaço globalizado: a parceria das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. **Fólio** – Revista de Letras, v. 3, nº 2, p. 361-378, jul./dez. 2011.

SARAIVA, Juracy Assmann; ALLES, Seli Blume; MUGGE, Ernani. **A Tecnologia aliada à Leitura de Textos Literário.** Informática na educação: teoria & prática Porto Alegre, v.20, n.4, dez. 2017.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Leitura Literária e Novas Tecnologias:** Mudança de Paradigmas. Publicado nos anais da XX Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE, 2004.

SEGABINAZI, Daniela Maria. BARBOSA, Socorro Pacífico. Situando o leitor e a educação literária na área linguagens, códigos e suas tecnologias. **Contexto** (ISSN 2358-9566) Vitória, n. 27, 2015/1.

SPRITZER, Ilda Maria de Paiva Almeida; BITTENCOURT, Paulo C. **Tecnologias da Informação e Comunicação.** Curso de Especialização em Educação Tecnológica – Módulo II. Rio de Janeiro: Cefet/RJ, 2009.

VIEIRA, Lúta Lercher. **Leitura na Internet:** mudanças no perfil leitor e desafios escolares.